

Paulo Cunha chegou ao basquetebol do FC Porto com dezanove anos. Aos 27 é o capitão da equipa, um dos seus jogadores mais emblemáticos e dos mais acarinhados pela massa associativa. Nasceu em Gaia, onde reside, mas considera-se um portuense. “A área metropolitana tem de ser vista como um todo, a identidade é basicamente a mesma”, afirma.

Texto: Marta Almeida Carvalho
Fotos: Virginia Ferreira

Paulo Cunha sente um carinho muito especial pelo FC Porto, o seu “*clube do coração*”, e pela cidade. “*Adoro o Porto, é uma cidade magnífica onde tenho todas as recordações de infância e com a qual me identifico totalmente*”, assegura, admitindo que quando está longe sente saudades dos portuenses que, em sua opinião, são pessoas afáveis e comunicativas. A marginal ribeirinha, de ambos os lados do rio, é a sua preferida logo seguida pelas praias e zona histórica. É um grande apreciador de tripas à moda do Porto e considera-se um «bom



Espírito de «capitão»



garfo». “*Não sou muito esquisito. Gosto de comer e a nossa gastronomia é excelente e muito diversificada*”, refere. Os seus tempos livres são passados com a namorada e com os amigos, aproveitando também para ir ao cinema, descansar e estudar. O atleta frequenta o 3º ano na Faculdade de Economia da Universidade do Porto. “*É preciso saber gerir a vida profissional com a pessoal. Na véspera dos jogos opto por descansar. Durante a semana gosto de ir tomar café com a namorada e amigos mas não costumo deitar-me tarde*”, assegura. A vida de estudante também tem

um grande fascínio para o jogador que, sempre que pode, embora de forma controlada, gosta de participar nas actividades académicas. “*Às vezes é complicado. Os treinos bidirários não deixam lugar para «grandes farras»*”, refere com humor. Durante a «Queima» gosta de participar no cortejo e em diversas actividades académicas e tenta, sempre que possível, ir à serenata. “*Às noites no «queimódromo» é que já não vou com frequência*”, lamenta. Ao FC Porto dedica-se de corpo e alma. “*Temos de saber pôr os interesses do clube e da equipa acima dos nossos*”, afirma, salientando que

tem algum cuidado com a imagem, não só por si, mas por todos os que nele acreditam e que o vêem como uma referência. Esta dedicação valeu-lhe o título de capitão. “*É uma responsabilidade acrescida. Cabe ao capitão transmitir a mística do clube aos novos jogadores e ser o porta-voz da equipa junto da direcção*”, conta. E como é a «voz do capitão»? “*Dentro de campo sou muito enérgico e, por vezes, quando me exalto dou uns «berros»*. Mas eles sabem que sou assim, é o meu feitio e tudo é momentâneo”, assegura o atleta que recentemente passou por um problema de saúde ao



ser-lhe diagnosticado um tumor benigno, mas que está já ultrapassado. *“Senti um grande apoio por parte do clube, colegas, preparadores físicos e equipa técnica. Para além do suporte familiar, o apoio da minha namorada foi fundamental na minha recuperação”.*

«Ouro sobre azul»

Em criança, Paulo Cunha jogava futebol mas, aos onze anos resolveu experimentar outra modalidade.

*“Uma amiga minha treinava no Coimbrões e convenceu-me a ir experimentar. Gostei e comecei a treinar frequentemente mas era só mesmo treinar pois o clube só tinha equipas femininas de basquete”, diz. Foi então que um técnico do Salesianos o viu em acção, durante um torneio do Vasco da Gama em que participou, e convidou-o para ingressar no clube onde se manteve até aos dezanove anos, altura em que se transferiu para o FC Porto, na época 99/00, onde se evidenciou no Mundial de Juniores. *“Aceitei logo o convite do FC Porto. O meu sonho antigo era o de entrar na Faculdade de Economia do Porto e o convite do clube, para além de vantajoso como impulsionador da minha carreira, serviu para juntar o útil ao agradável”*, refere. Logo no primeiro ano como atleta, o clube foi pentacampeão em cinco modalidades (futebol, basquetebol, hóquei, andebol e natação) tendo conquistado também o pentacampeonato em futebol. *“Foi um ano muito bom. O clube promoveu uma série de iniciativas entre as várias modalidades o que foi gratificante para todos os atletas”*, conta. Depois de oito épocas ao serviço dos azuis e brancos, Paulo Cunha conta já com dois campeonatos, três taças de Portugal, três supertaças e três taças da Liga no seu currículo, para além de ser uma presença constante na Selecção Nacional de basquetebol. Não passando despercebido nos seus dois metros de altura, o atleta confessa que as abordagens por parte dos adeptos foram sempre agradáveis. *“Fui sempre muito acarinhado. Quando me reconhecem há sempre uma palavra de incentivo a que não ficamos indiferentes”*. Apesar de reconhecer que o pavilhão onde jogam, em Matosinhos, tem conseguido boas lotações, Paulo Cunha refere que jogar no futuro pavilhão junto ao estádio do Dragão vai ter outro impacto. *“É o regresso a casa, onde todas as modalidades se irão concentrar. O afluxo de sócios e adeptos vai ser, com toda a certeza, maior”*, garante. ■*